



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

EDNILSON DE PONTES SILVA

**TRABALHO E DESIGUALDADE SOCIAL NA CONTEMPORANEIDADE:
REFLEXÕES SOBRE A INVISIBILIDADE DOS AGENTES DE LIMPEZA PÚBLICA
– GARIS**

**GUARABIRA-PB
2019**

EDNILSON DE PONTES SILVA

**TRABALHO E DESIGUALDADE SOCIAL NA CONTEMPORANEIDADE:
REFLEXÕES SOBRE A INVISIBILIDADE DOS AGENTES DE LIMPEZA PÚBLICA
– GARIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em História.

Área de concentração: História, Trabalho e Economia.

Orientadora: Prof.^a. Dra. Verônica Pessoa da Silva.

GUARABIRA-PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586t Silva, Ednilson de Pontes.
Trabalho e desigualdade social na contemporaneidade [manuscrito] : reflexões sobre a invisibilidade dos agentes de limpeza pública - Garis / Ednilson de Pontes Silva. - 2019.
57 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Verônica Pessoa da Silva, Departamento de Educação - CH."
1. Invisibilidade social. 2. Desigualdade social. 3. Trabalho.
4. História do trabalho. I. Título
21. ed. CDD 323.6

EDNILSON DE PONTES SILVA

**TRABALHO E DESIGUALDADE SOCIAL NA CONTEMPORANEIDADE:
REFLEXÕES SOBRE A INVISIBILIDADE DOS AGENTES DE LIMPEZA PÚBLICA
– GARIS.**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Licenciatura em História da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do grau de Licenciatura em História.

Área de concentração: História, Trabalho e
Economia.

Orientadora: Prof.^a Dra., Verônica Pessoa da
Silva

Aprovada em: 11/06/2019

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Verônica Pessoa da Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/CH/DE)



Profa. Dra. Susel Oliveira da Rosa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/CH/DE)



Prof. M^e. Rivaldo Amador de Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/CH/DH)

A todos os garis, homens dignos de exercer uma importante profissão, aos quais deve ser dado o seu devido valor, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, em forma de poesia, revelando nas palavras a minha alegria.

Alegria em concluir mais um ciclo na minha história e saber que muitas pessoas fazem parte dessas memórias.

Primeiro, agradeço a Deus e aos meus pais, pessoas a quem quero bem, pois eu os amo demais; segundo, as minhas irmãs que me incentivaram a não desistir, pois todo esforço é válido, basta você insistir.

Aos amigos mais próximos que cultivaram esse sonho comigo, estando sempre ao meu lado em todos os sentidos.

À turma 2014.2 que me envolveu com sua alegria, cultivo cada um na memória, como se hoje fosse o primeiro dia dos dias que se transformaram em anos, anos de aprendizado e cumplicidade, anos que se transformaram em eterna amizade.

Aos companheiros de trabalho, denominados de GARIS, homens simples e humildes, porém trabalhadores, dignos de exercer uma profissão que deveria ter mais valor.

A minha companheira e mulher, que esteve sempre comigo, para o que der e vier; e a minha filha amada, presente do senhor, pela qual eu tenho muito carinho e amor.

O último vai para uma pessoa muito especial, que tem uma voz calma, relaxante e além de tudo é muito legal. Ela foi mais que uma orientadora, foi uma amiga que abraçou esse tema junto comigo, me dando todo suporte, alicerçando desde o início. Ela foi um presente em minha vida, pois abraçou minha causa, dando visibilidade a uma categoria sofrida. Palavras ainda são poucas para lhe agradecer. Mas, que saiba que tenho por ela uma grande admiração e a vejo como um exemplo de superação. Mulher, negra, forte e destemida, venceu o preconceito de um mundo machista e hoje é mestra, e doutora, superou tudo. Ela é uma vencedora, minha orientadora, de nome Verônica Pessoa.

“A gente apanha rato morto, rato podre, entendeu? Sapo veio esbagaçado e muito mal os povos falam com a gente (...). A gente passa, assim, que nem passa um vento, que ninguém nunca ver a gente” (Severino, 2018, Gari).

TRABALHO E DESIGUALDADE SOCIAL NA CONTEMPORANEIDADE: REFLEXÕES SOBRE A INVISIBILIDADE DOS AGENTES DE LIMPEZA PÚBLICA – GARIS

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso aborda a questão da invisibilidade dos Agentes de Limpeza Pública – Garis, com objetivo de refletir sobre as condições de trabalho destes agentes e sobre a importância social e laboral destes profissionais para a sociedade. Além disso, traz narrativas de vida, extraídas de experiências particulares tanto pessoais enquanto integrante desta classe, quanto a partir do diálogo com colegas de profissão em seu cotidiano. Nessa direção, dialogamos com os estudos de Costa (2004), Souza (2006), Antunes (2005), Cardoso (2011), Kantorski (1997), Oliveira (2014), Moraes (2005), Pedrosa (2007), entre outros. Para tanto, estruturamos este estudo nos moldes da pesquisa qualitativa, fazendo uso da entrevista que se deu por meio do Grupo Focal, buscando evidenciar as problemáticas relacionadas ao tema proposto. A fonte de pesquisa foi de cunho primário e secundário, extraída de artigos, livros, dissertações, além de contar com o depoimento dos agentes de limpeza que se dispuseram-se a contribuir com a pesquisa. Os resultados evidenciam a necessidade de valorização e reconhecimento do trabalho destes profissionais, frente à invisibilidade social, ao preconceito e à desigualdade vivenciada no cotidiano destes agentes, igualmente, exposta em seus relatos e reforçada pelo aporte teórico eleito para a pesquisa.

Palavras-Chave:. Trabalho. Desigualdade Social. Contemporaneidade. Invisibilidade. Agentes de limpeza pública - garis.

ABSTRACT

This paper concludes the course on the invisibility of the Public Cleaning Agents - Garis, with the purpose of reflecting on the working conditions of these agents and the social and labor importance of these professionals to society. In addition, it brings life narratives, drawn from personal experiences as a member of this class, as well as from dialogue with colleagues in their daily lives. In this direction, we talk with the studies of Costa (2004), Souza (2006), Antunes (2005), Cardoso (2011), Kantorski (1997), Oliveira (2014), Moraes (2007), among others. Therefore, we structured this study in the qualitative research, making use of the interview that took place through the Focal Group, seeking to highlight the problems related to the proposed theme. The research source was primary and secondary, extracted from articles, books, dissertations, and had the testimony of cleaning agents who were willing to contribute to the research. The results evidenced the need for valorization and recognition of the work of these professionals, facing the social invisibility, prejudice and inequality experienced in the daily life of these agents, also exposed in their reports and reinforced by the theoretical contribution chosen for the research.

**Keywords: WORK AND SOCIAL INEQUALITY IN CONTEMPORARYITY:
REFLECTIONS ON THE INVISIBILITY OF PUBLIC CLEANING AGENTS - GARIS.**

LISTA DE TABELAS

QUADRO 01: NÍVEIS DE FORMAÇÃO.....34

QUADRO 2: DISTRIBUIÇÃO DOS NÍVEIS DE ESCOLARIDADE.....35

Sumário

1 INTRODUÇÃO:	13
2 UMA PERSPECTIVA MEMORIAL	17
3 MUNDO TRABALHO, PRECARIZAÇÃO E DESIGUALDADE SOCIAL NA CONTEMPORANEIDADE	19
3.1 CATEGORIA TRABALHO	19
3.2 PROFISSÃO GARI	21
3.3 PRECARIZAÇÃO	22
3.4 DESIGUALDADE SOCIAL	23
4 INVISIBILIDADE SOCIAL: O TRABALHO DOS AGENTES DE LIMPEZA PÚBLICA URBANA	25
5 ENTRE HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: O COTIDIANO DOS AGENTES DE LIMPEZA PÚBLICA EM QUESTÃO	28
5.1 ANTECEDENDO O PROCESSO DAS ENTREVISTAS	28
5.2 PRIMEIRA ENTREVISTA	28
5.3 A SEGUNDA ENTREVISTA	31
5.4 A TERCEIRA ENTREVISTA	32
5.5 A QUARTA ENTREVISTA	32
5.6 A QUINTA ENTREVISTA	33
5.7 PERFIS DOS ENTREVISTADOS	33
5.8 ANALISANDO AS ENTREVISTAS: REFLEXÕES POSSÍVEIS	34
5.9 ENTREVISTAS	35

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	52
FONTES ORAIS	53
APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA.....	55
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	56
ANEXOS A – TERMO DE POSSE.....	57
ANEXOS B – PORTARIA Nº 004/2011.....	58
ANEXOS C – PREFEITURA MUNICIPAL DE PIRPIRITUBA.....	59

1 INTRODUÇÃO:

Este estudo corresponde a um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que versa sobre as condições de trabalho e desigualdades sociais no contexto do exercício da profissão dos agentes de limpeza pública, denominados de garis, com olhar situado na realidade contemporânea do município de Pirpirituba, cidade do agreste paraibano, distante aproximadamente cem (100) quilômetros da capital João pessoa.

Tem como objetivo refletir sobre as condições de trabalho destes agentes, frente à relação com a sociedade, com indicativos acerca da invisibilidade¹ desses sujeitos, com um intuito de reconhecer a importância social e laboral destes profissionais para a sociedade.

Este estudo se alicerça em três vertentes principais: a) Pessoal/Profissional, b) Acadêmica e c) Social. No âmbito pessoal, é de suma importância este estudo, pois também integro esta categoria laboral que, diariamente, sofre os impactos relacionados à profissão, devido a vários fatores que serão evidenciados ao longo desse estudo.

As reflexões advindas desta pesquisa revelam que, na rua, por muitas vezes, somos ou nos tornamos meros obstáculos. As pessoas passam sem que sejamos percebidos pela multidão que, na correria do dia a dia, não consegue nos enxergar. Essa invisibilidade nos remete a um trecho de um livro de Saramago “Ensaio sobre a cegueira”, no qual uma das personagens, a mulher do médico, assevera que: “penso que não cegamos, penso que estamos cegos, cegos que veem, cegos que vendo, não veem” (SARAMAGO, 1995). Assim, como revela este autor, somos vistos, cotidianamente, porém, por desempenhar uma função socialmente desprestigiada, desqualificam-nos no meio social, nos tornando invisíveis.

1 O termo invisibilidade social foi criado para denominar as pessoas que ficam invisíveis socialmente, por preconceito ou indiferença. Esse conceito é bastante vasto, pois há diversos fatores que levam a uma invisibilidade, alguns deles são: aspectos sociais, econômicos, culturais e históricos (PATRÍCIO, 2017).

Essa cegueira se tornou uma coisa comum, natural. As pessoas nos veem, mas fingem não terem visto. Particularmente, já senti na pele essa indiferença, esse olhar ora de pena, ora de desprezo ou até mesmo de nojo. A sensação é horrível, não ser reconhecido por um amigo, passar despercebido, embora já nos conheça há anos. Muitas pessoas viram o rosto quando se aproximam, e surge o incômodo em você por trabalhar durante anos em um setor e não receber um bom dia, uma boa tarde. É, extremamente, frustrante!

Assim, cheguei à conclusão de que todas as pessoas que desempenham uma função de menor prestígio social, não têm rosto, não têm uma identidade. A identidade, talvez, se reduza a farda, que recebe nome e sobrenome de tal função, no caso a minha de um gari. O meu rosto é igual ao de todos, o meu nome não existe. Enfrentar estas questões me faz enxergar a gravidade deste problema social.

Acalento, no entanto, o desejo de que a sociedade possa ver e rever estas posturas, ter clareza que, debaixo daquela farda, tem um ser humano, que precisa ser mais valorizado, reconhecido, tanto na parte econômica como na pessoal e na social. Na perspectiva de vencer a invisibilidade, em nosso meio, me propus a abraçar essa causa, fazendo com que um trabalho individual, ganhasse dimensões coletivas, pensando em uma categoria que sofre diariamente, vários riscos, tais como: a poeira, o sol, a chuva, a sobrecarga de peso, e em meio a tudo isso, recebe a indiferença, o preconceito e em muitas vezes, a humilhação. Assim, pois, ao contrário do que se possa imaginar, estes elementos da subjetividade interferem negativamente, na vida de milhares destas pessoas, ocasionando assim diversos problemas, como: depressão, doenças e distúrbios psíquicos.

Mediante isso, realizamos pesquisas acerca do termo Gari e identificamos que este surgiu graças ao empreiteiro Francês Aleixo Gary², que firmou contrato com o ministro Imperial em 11 de outubro de 1876, para realizar a limpeza da cidade do Rio de Janeiro. Assim, toda vez que havia algum lugar muito sujo na cidade, era chamado o Gary para providenciar a limpeza daquele

2 Termo gari surgiu no Brasil Imperial, folha de Londrina. Disponível em <https://www.folhadelondrina.com.br>. Acesso em: 14/05/2019.

ambiente. Então, os funcionários passaram a ser chamado de Gary em homenagem ao sobrenome de seu patrão Aleixo Gary.

No caráter acadêmico, podemos identificar alguns autores que trouxeram temas similares sobre o assunto abordado. Dentre eles: Costa, 2004, Souza (2006), Saramago (1995), Antunes (2005), Cardoso (2011), Kantorski (1997), Patrício (2017), Oliveira (2014), Moraes (2005), etc. Em nossa análise, estes estudos por serem incipientes, revelam que, a academia ainda não enfrentou de forma mais sistemática, a necessidade de investigar as problemáticas expostas nesta área.

A vertente de caráter social converge com a vertente acadêmica, no que tange à falta de discussão social sobre a inserção do gari na sociedade. Isto reflete uma imagem histórica e cultural que pode nos levar a uma cegueira social. Devemos encontrar meios e mecanismos que possam diminuir os impactos do trabalho na vida desses sujeitos, pois, assim não correremos o risco de naturalizar essa invisibilidade.

Na realização deste estudo, fizemos uso da pesquisa documental e de campo, reunimos vários documentos, artigos e livros que comungam com o tema proposto. Assim, após essa base teórica, partimos para as entrevistas, que foram realizadas de modo grupal e individual.

Desse modo, para atingir os objetivos da pesquisa aqui proposta, estruturamos este estudo nos moldes da pesquisa etnográfica, cujos procedimentos são os mais adequados para os objetivos pretendidos. Também, fizemos uso de recursos como o celular no processo de gravação das entrevistas.

No final, chegamos à escrita deste estudo que reúne seis capítulos. O primeiro é a introdução que busca justificar o trabalho em três vertentes principais, a saber: a pessoal/profissional, acadêmica e a social. Já o segundo capítulo traz consigo uma perspectiva memorial sobre minha trajetória pessoal e profissional, extraindo as lições adquiridas nesse processo. O terceiro Capítulo, o de natureza teórica esboça uma cronologia sobre o mundo do trabalho e, depois, evidencio a precarização no modo de produção e conseqüentemente o surgimento do trabalho informal. Essa análise revela a

desigualdade social crescente no Brasil desde os anos noventa aos dias atuais. O quarto capítulo traz a discussão da invisibilidade social dos agentes de limpeza pública, com base em estudos realizados por Costa (2004), que aborda a humilhação social sofrida diariamente por sujeitos considerados invisíveis. O quinto capítulo revela as narrativas de vida expostas pelos garis no exercício desta profissão, trazendo também o contexto que antecipou as entrevistas. No sexto capítulo, esboçamos as considerações finais, evidenciando os aprendizados advindos deste processo.

2 UMA PERSPECTIVA MEMORIAL

Expresso, aqui, retratos memoriais de minha atuação nesta profissão. Apresento elementos da subjetividade que contribuíram para minha formação e visão de mundo acerca deste lugar de fala³. De modo particular, de início, também, não tinha consciência da importância do trabalho de um gari, pois meus olhos não demonstravam tanta empatia por esta profissão. Porém, a ocorrência de um fato me fez mudar essa visão. A minha família estava passando por um período conturbado em relação a parte econômica, pois meus pais se encontravam desempregados e, nesse mesmo tempo, surgiu à oportunidade de participar de um concurso público na cidade de Pirpirituba. Então, meus pais o fizeram, porém devido a grande concorrência só meu pai conseguiu passar e, o cargo que ele optou, foi o de gari, devido à baixa concorrência e o nível de escolaridade exigido. Ele ingressou no serviço público em 2001 e hoje já são mais de dezoito (18) anos vivenciando essa profissão. Eu tinha quatorze anos na época em que ele passou no concurso público, era um adolescente cheio de sonhos, que levava a vida na brincadeira, com meus primos e amigos. Com o passar do tempo, fui crescendo e percebendo que meu pai não ficava à vontade em ser gari, principalmente por sentir vergonha não da sociedade, mas da família e dos próprios filhos.

Porém, essa realidade mudou quando surgiu um novo concurso na mesma cidade no ano de 2010. Como eu tinha (23) vinte e três anos e já tinha prestado diversos concursos, por toda região e escolhido vários cargos, mas nunca obtive êxito, então quando foi lançado o edital do referido concurso de Pirpirituba, me submeti para concorrer ao cargo de gari. Isso foi motivo de alegria para meu pai, pois ele percebeu que não tínhamos vergonha de sua profissão, mas sim orgulho por ele fazer um trabalho tão essencial e digno para a cidade.

³ De acordo com Ribeiro (2017, p. 90), "pensar em lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia".

Com isso, consegui passar no concurso e hoje já são mais de (8) anos vivenciando os desafios de uma profissão. Todavia, apesar de que essa profissão vem enfrentando modificações em sua estruturação, nas duas últimas décadas não era exigida nenhuma experiência técnica ou formação intelectual para trabalhar como gari. Geralmente, esse cargo vinha sendo ocupado por negros, pessoas sem escolarização, denominadas de analfabetas ou por pessoas mais velhas que, por não terem concluído os seus estudos, não teriam condições de ocupar um cargo classificado como de melhor prestígio social. Assim, historicamente essa profissão ficou marcada como um serviço que ninguém quer prestar, pois ela carrega consigo uma imagem negativa de quem a executa.

No período em que cursei o Ensino Fundamental, me incomodava a escuta de várias piadas em relação à profissão de Gari, inclusive em minha própria casa ou mesmo na escola, na qual diziam “se você não estudar vai varrer rua” ou “vou mandar o velho do saco lhe pegar”, incitando o desrespeito e a discriminação. Esse velho do saco, por exemplo, se refere a um senhor de idade, que cata lixo pela cidade com o seu saco, um velho sujo, barbudo que pega as criancinhas e as levam consigo. Essa lenda, ainda, permanece viva na mitologia urbana brasileira, demonstrando uma imagem negativa de quem trabalha ou cata lixo.

Portanto, depois de tudo isso que passei, nesta profissão e ainda estou passando, me sinto um homem melhor e mais feliz, feliz por poder abrir os olhos e enxergar que, os seres humanos independente de cor, profissão, são todos iguais, mas somos nós que rotulamos esses sujeitos e apontamos como visíveis e invisíveis. Porém, há de se perceber, por baixo daquela farda, a existência de uma pessoa que precisa ser vista, com um olhar de afeto, respeito e reconhecimento profissional, não com desprezo e indiferença. Meu olhar mudou e quero, com este trabalho, possibilitar a ampliação do olhar dos que acessarem este estudo.

3 MUNDO TRABALHO, PRECARIZAÇÃO E DESIGUALDADE SOCIAL NA CONTEMPORANEIDADE

3.1 CATEGORIA TRABALHO

Em nossa pesquisa, a questão do trabalho tem se apresentado como uma categoria fundante, visto que o tema proposto, a invisibilidade social, está diretamente relacionado à natureza do trabalho. Esta categoria, por sua vez, abrange um número considerável de estudiosos que se dedicam às pesquisas, com objetivo de evidenciar as transformações sofridas, ao longo do tempo, no mundo do trabalho.

Desse modo, faz-se necessário realizar uma retrospectiva histórica: trabalho, a fim de entender como se deu esse desenvolvimento, pois observamos que essa categoria é extremamente importante e determinante para a formação da sociedade, sendo base em seu processo de constituição, assumindo um papel primordial na relação entre os indivíduos e classes sociais. Cria, igualmente, relações de poder e propriedade e, através disso, controla o ritmo do cotidiano do trabalhador e da própria sociedade. O ritmo do trabalho foi sofrendo mutações que modificaram e transformaram as relações sociais, durante esse processo histórico. Neste sentido, evidencia-se a necessidade de reconstituir a dinâmica pela qual a categoria do trabalho vem passando.

Nessa cronologia, destaco a origem da palavra trabalho que surgiu do latim, mais conhecido como *Tripalium*, um instrumento de tortura usado na Roma antiga, formado por três estacas de madeira encravadas no chão (PEDROSA, 2008). Esse método de tortura era bastante utilizado nos pobres, escravos e negros que, por não terem condições de pagar seus impostos eram obrigados a trabalhar e em muitas das vezes serem torturados no *Tripalium*. Posteriormente, essa etimologia vai ganhando outras definições como podem identificar no período medieval, em que predominava o feudalismo, no qual o trabalho era feito pelos servos e toda a sua produção, era destinada aos senhores feudais, portanto esse foi um período de servidão no qual o servo

trabalhava pela sua subsistência sem ganhar nada em troca. Porém, a categoria trabalho vai aos poucos se modificando, como ressalta Kantorki

O homem ao produzir a sua própria existência produz a si mesmo. Isso significa que o trabalho consiste em uma condição inexorável da existência humana, pois observa-se ao longo de milhões de anos, que o trabalho foi o meio pelo qual o homem se diferenciou da sua condição de animal e constitui-se como ser humano, o trabalho tem um papel fundamental no processo antropogenético da existência humana, deste modo, não se pode falar em ser humano desvinculando-o da atividade material transformadora (KANTORSKI, 1997, p. 05).

Portanto, como é sabido, o trabalho ganha um sentido maior, pois torna-se a base principal para a manutenção da vida humana, estando interligado à existência desse sujeito e, além disso, ressalta as relações sociais que são criadas entre os indivíduos através do trabalho reforçam a tese em que o ser humano está inteiramente ligado a essa atividade transformadora.

Mais adiante na História, o advento da revolução industrial, iniciada na Inglaterra no Século XVIII, modificou drasticamente as relações sociais e as de trabalho, mediante a crise trabalhista nesse período, acentuada pelo modo de produção industrial, quando a máquina ocupou o lugar central, transformando o operário em mero assalariado. Assim, os produtores foram obrigados a vender a sua força de trabalho, pois não teriam condições econômicas de produzir em grande escala e com baixo custo, ao contrário dos empresários industriais. Essa revolução modificou completamente o sentido da categoria trabalho, como assevera Antunes:

Se podemos considerar o trabalho como um momento fundante da sociabilidade humana, como ponto de partida de seu processo de humanização, também é verdade que na sociedade capitalista o trabalho se torna assalariado, assumindo a forma de trabalho alienado. Aquilo que era uma finalidade básica do ser social - a busca de sua realização produtiva e reprodutiva no e pelo trabalho - transfigura-se e se transforma. O processo de trabalho se converte em meio de subsistência e a força de trabalho se torna, como tudo, uma mercadoria especial, cuja finalidade vem a ser a criação de

novas mercadorias objetivando a valorização do capital (ANTUNES, 2005, p. 69).

Esse autor traz uma crítica relevante, pois antes da instauração do capitalismo, existia um sentido fundante na sociedade, porém ele perde essa identidade, pois o único objetivo da produção capitalista é o lucro, não o lucro geral, que envolva os trabalhadores, mais o lucro que fica nas mãos de poucos, gerando assim uma má distribuição de renda e, conseqüentemente, elevando os índices de pobreza e desemprego, que já estavam acentuados. Essa é a lógica capitalista, consumo versus consumo, alienando assim o mercado consumidor, em função da acumulação de capital. Nessa discussão, Cardoso (2011), também ressalta a importância do trabalho no contexto da sociedade capitalista:

A categoria trabalho sempre ocupou um lugar preponderante e central desde a formação e o desenvolvimento do pensamento sociológico, isto é, desde o surgimento da sociologia. Na construção do método da análise sociológica, a redução da realidade social ao constructo *categoria* permitiu a sociologia operar e classificar as complexas manifestações do social. Portanto, na medida em que a sociedade ocidental, transformada pela revolução industrial e pelo capitalismo, se desenvolve e faz do trabalho sua principal mercadoria e o mecanismo de geração de valor e de alavanca para o processo de acumulação capitalista, o trabalho se impôs como categoria central e fundamental para o entendimento dessa sociedade (CARDOSO, 2011, p. 266).

Portanto, a categoria trabalho ganha o status central e fundamental para entender as transformações pela qual a sociedade passou desde sua origem aos dias atuais.

3.2 PROFISSÃO GARI

No decorrer da Pesquisa fizemos um recorte temporal sobre a categoria trabalho, buscando discutir sobre uma profissão bastante importante para a preservação do meio ambiente e a limpeza das cidades. Essa profissão surgiu com o crescimento desenfreado dos centros urbanos, que passaram a produzir

enormes quantidades de lixo e, com isso, houve a necessidade do estado em encontrar uma forma de conter o aumento desses resíduos.

Então, fez-se necessário contratar mão de obra barata, para fazer a limpeza das cidades e, isso fez com que nascesse a profissão, conhecida hoje como GARI. Esse estudo tem como foco principal a invisibilidade social desses sujeitos. Porém, também quero discutir outras problemáticas referentes a essa categoria.

3.3 PRECARIZAÇÃO

O trabalho do gari é visto por muitos como uma tarefa fácil de fazer, pois há décadas atrás não era exigida do sujeito uma qualificação técnica ou intelectual. Isso fez com que, muitos trabalhadores que, por não terem concluído seus estudos, se vissem obrigados a executar trabalhos de menor prestígio social e, essa demanda de trabalhadores, fez com que crescesse o trabalho informal e precário, nesta categoria, como ressalta Oliveira:

A problemática do trabalho informal e precário é constitutiva do padrão de relações de trabalho que se estabeleceu com a industrialização do país, ao mesmo tempo em que vem ganhando novas conformações, a partir de mudanças pelas quais passa o mundo do trabalho em termos globais e locais (OLIVEIRA, 2014, p. 85).

Portanto, o problema da precarização do trabalho se acentua com a industrialização do país, onde há um processo de evolução tecnológica, incentivado pelo capitalismo. Porém, na contramão desse desenvolvimento está o aumento da informalidade e, conseqüentemente, a precarização do trabalho, gerando assim a elevação do desemprego, miséria e violência, entre outros. Desse modo, ao mesmo tempo em que há um aumento na produção de bens e serviço, há também uma precarização das condições e das relações de trabalho. Essa precarização se mostra evidente na década de 1990 no Brasil, onde há um processo de privatização da economia como destaca Oliveira:

Nos anos 1990, avançaram o desemprego, a terceirização e a desregulamentação do trabalho, decresceu a ação fiscalizatória do Estado sobre as leis trabalhistas e desencadearam-se os processos de privatização da economia e de transferência de postos de trabalho da indústria para os serviços, mas ampliou-se, diversificou-se e renovou-se no país o fenômeno da informalidade, agravando um padrão historicamente precário de relações de trabalho (OLIVEIRA, 2014, p. 87).

A partir disso, diversos acontecimentos desencadearam um estreitamento no trabalho formal, legalizado, gerando assim um aumento no setor de serviços e, conseqüentemente, o surgimento de trabalhos temporários, aumentando ainda mais as desigualdades salariais. E, além disso, é notório que o termo informalidade, ganha o status de ilegalidade, e por conta disso, o trabalhador vive em extrema vulnerabilidade, pois o governo não reconhece esse tipo de trabalho informal, gerando assim uma falta de perspectiva de futuro.

Outro aspecto que dificulta a inserção ou não no mercado de trabalho é a discriminação, como assevera Moraes (2005):

O combate à discriminação no mercado de trabalho brasileiro – que reduz o acesso às oportunidades de emprego, trabalho e renda, qualificação, educação, saúde e a outros direitos essenciais à cidadania – deve necessariamente levar em conta as dimensões de gênero, etnia, raça, faixa etária e escolaridade, que apesar de não esgotarem a questão da discriminação, são o foco de grandes desigualdades no mercado de trabalho (MORAES, 2005, p.26).

Portanto, entender a dinâmica do trabalho e suas transformações é observar as mutações pelas quais o homem teve que passar para se adequar a um modelo de trabalho mais restrito, individualista, onde o coletivo perde espaço, para um modelo cada dia mais privado e precário.

3.4 DESIGUALDADE SOCIAL

O crescimento das cidades gera o inchaço populacional e, em busca de melhores condições de trabalho e de vida, o homem deixa o campo e passa a

ocupar os centros urbanos. Porém, com a industrialização tecnológica vem a necessidade do trabalhador se qualificar e se adequar a esse novo processo pelo qual o mundo do trabalho se moldou. Então, o espaço territorial das cidades foi ficando pequeno diante da multidão que chegava todos os dias, em busca de oportunidades de emprego. Isso propiciou a invasão de terrenos nos subúrbios das cidades, ocasionada pela falta de oportunidades e estrutura, diante do grande excesso de pessoas que se aglomeravam nas cidades. Com isso, foram sendo construídas diversas barracas, casas de palafitas, gerando assim conflitos sociais com o poder público, pois com essa grande demanda populacional, veio o aumento de doenças, da vulnerabilidade social, crianças fora das escolas, entre outros. Então, houve caos social, alimentado pela ilusão de melhores condições de vida e trabalho nos grandes centros urbanos. Souza (2003), faz uma crítica, sobre naturalização da desigualdade social:

[...] nossa desigualdade e sua naturalização na vida cotidiana é moderna, posto que vinculada à eficácia de valores e instituições modernas com base em sua bem-sucedida importação de fora pra dentro. Assim, ao contrário de ser personalista, ela retira sua eficácia da impessoalidade típica de valores e instituições modernas. É isso que faz tão opaca e de tão difícil percepção na vida cotidiana (SOUZA, 2003, p. 17).

Fica claro nessa visão, que existem vários fatores que contribuem para a manutenção dessa realidade, fatores de cunho externos, que foram introduzidos em nossa cultura e naturalizados ao longo do tempo, por isto fica tão difícil essa percepção em nosso meio. E, além disso, há um jogo político e econômico para a preservação dessa hierarquia. Nessa mesma linha de pensamento, a autora Moraes (2005) chama a atenção para uma discriminação velada, camuflada pela elite branca, contra negros e mulheres que não têm o mesmo espaço no cenário nacional:

Apesar desses avanços indiscutíveis, a discriminação, a desigualdade dos direitos de mulheres, de negros e negras continua, embora disfarçada, muitas vezes, pelo embranquecimento das relações pessoais, das relações de

poder, que algumas mulheres e poucos negros assumem no cenário nacional (MORAES, 2005, p. 10).

Portanto, há sempre um discurso midiático, de que o Brasil é um Brasil de todos, porém, não é o que parece, pois as diferenças são gritantes, fato que acarreta a existência de vários “brasis”, onde o povo não tem vez nem voz, onde prevalece a insegurança, o sucateamento da saúde, a elevação da desigualdade social. Em tudo isso, acrescentam-se fatores como, a falta de políticas públicas que possam inserir esse sujeito no mercado de trabalho, dando-lhes, assim, mais dignidade e condições de se manter.

O Brasil tem uma dívida histórica, frente ao processo de segregação contra índios e negros, contra as mulheres que ganham menos que homens, ocupando o mesmo cargo, fatos que só nos revelam que a hegemonia branca ainda persiste em preservar um passado em nosso presente.

4 INVISIBILIDADE SOCIAL: O TRABALHO DOS AGENTES DE LIMPEZA PÚBLICA URBANA

Neste Capítulo, discutimos a problemática da invisibilidade social dos agentes de limpeza pública, mais conhecidos por garis. A questão da invisibilidade desses sujeitos, no meio social, está atrelada a um processo histórico e cultural que há décadas vem naturalizando esta problemática. Costa (2004) em seu livro “Homens invisíveis, relatos de uma humilhação social”. Nos mostra diversas evidências que comprovam essa invisibilidade. Esta publicação é fruto de seu estudo dissertativo de mestrado, defendido no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, em novembro de 2002.

Este estudo é um divisor de águas, visto que consegue, de forma clara e objetiva, explicar fenômenos psicossociais que levam a uma cegueira pública. Costa (2004) vivenciou por quase dez (10) anos, o ofício de gari, sentindo na pele os efeitos de uma profissão marcada pelo servilismo e degradação como ele mesmo assevera:

O ofício de gari parece acentuadamente atravessado por um fenômeno de gênese e expressão intersubjetivas: a invisibilidade pública – espécie de desaparecimento psicossocial de um homem no meio de outros homens. Bater o ponto, vestir o uniforme, executar trabalhos essencialmente simples (como varrer ruas, cortar mato, retirar o barro que acumula junto às guias), estar sujeito a repreensões mesmo sem motivo, transportar-se diariamente em caçamba de camionetes ou caminhões em meio às ferramentas ou ao lixo são as tarefas delineadoras do trabalho daqueles homens. Tarefas nas quais pudemos reconhecer ingredientes psicológicos e sociais profunda e fortemente marcados pela degradação e pelo servilismo. São atividades cronicamente reservadas a uma classe de homens subproletarizados; homens que se tornam historicamente condenados ao rebaixamento social e político (COSTA, 2004, p.57).

O autor se colocou na pele de um gari, vestiu a farda; sentiu a indiferença e a falta de atenção, dos olhares a sua volta, presenciou momentos de humilhação e, só assim, conseguiu enxergar o que seus olhos nunca tinham visto. Viu que uma farda modifica os olhares das pessoas, percebeu que homens desaparecem no meio de outros homens, e entendeu que, o serviço aparece mais que o próprio ser. A esse respeito, COSTA (2004) destaca:

Ser, experiência que é de fundamental intersubjetivo, experiência cuja consolidação depende de comunicação interpessoal, não é experiência que parece garantida para esses homens no trabalho. A tarefa funcional simples, subserviente, aos poucos deteriora os poderes da aparição humana: não aparece Tiago, aparece um gari, um varredor; não aparece um varredor, aparece a varredura; afinal, só aparecem lugares varridos, lugares limpos 'por natureza'. O ser e sua expressão ficam severamente prejudicados, muitas vezes cancelados. Um fazer cada vez menos revelador, cada vez menos alguém ali (COSTA, 2004, p. 124).

O gari desempenha uma profissão pesada e árdua, tida por alguns como um serviço simples, o qual qualquer pessoa, mesmo sem nenhum preparo, teria condições de executar. Mas esse ser, no momento em que executa esta tarefa se transforma, se transfigura, ou melhor, some diante dos olhos de quem passa, se tornando um mero ponto de referência ou um obstáculo na rua.

As pessoas passam pelo gari, caminham ao lado dele, corpo a corpo. Percebem sua presença? Modificam o passo, desviam-se, alteram a rota. Mas foi realmente por perceberem sua presença? O gari está ali. Há percepção. Mas, em alguma medida, é como se não estivesse ali. Há percepção, mas percepção, em alguma medida, rebaixada; e rebaixada a ponto de 'chatear', 'reprimir' quem a sofre, necessitando o sofredor evitá-la (COSTA, 2004, p.128 e 129).

O trabalho é pesado ao contrário do que se pensa, mais, o fardo maior é, na questão social, o sujeito não ser reconhecido, ver amigos virarem o rosto, modificarem os passos, se ver como um estranho no meio da multidão. Outro ponto que machuca são olhares de desprezo, pena ou até mesmo de nojo, esses elementos citados interferem negativamente na vida desses sujeitos, fazendo com que tenham uma baixa autoestima e pouca vontade de exercer sua atividade diariamente. A esse respeito, Costa (2004), nos chama atenção sobre como um ser humano desvia seu olhar diante de um gari, gari que ao entender que não ocupa o mesmo lugar social que as demais pessoas, fica oprimido, como que quietinho, de cabeça baixa, para não atrapalhar o vai vem das pessoas a sua volta.

Nenhum ser humano, andando na rua, passa por outro como quem passa por um poste: o corpo e o olhar se modificam, os movimentos ficam distintos, a atenção se transforma, é afetada, como que se alarga. A atenção que um homem dispensa a outro homem é de natureza diferente daquela dirigida a objetos. Entretanto, as pessoas que passam pelo gari não parecem ter sua atenção suficientemente modificada, pelo poder específico, pela influência específica de que é capaz a presença de um outro humano que está ali: desviam-se dele como quem se desvia de um obstáculo, uma coisa qualquer que atrapalha o caminho (COSTA, 2004, p. 129).

A fala do autor me trouxe à lembrança as formigas⁴ e a forma como elas se cumprimentam no dia a dia: é uma coisa surreal e, ao mesmo tempo

4 Nesse sentido, o depoimento de Severino (2018), gari, traz em sua fala uma metáfora bem clara, sobre como ele acha que os cidadãos os enxergam. A gente passa assim que nem passa um vento, que ninguém nunca vê agente. A gente é sem valor na cidade, agora a gente dá o nosso valor a nós mesmos, entendeu? A verdade é isso que eu queria falar (Severino, 2018).

fascinante. Ver e enxergar a interação entre elas, ao contrário dos seres humanos, que distinguem as pessoas por uma farda ou uma profissão. Nós temos muito que aprender com a natureza e os seres que habitam nela.

A invisibilidade com que estes sujeitos são tratados os maltrata, os oprime. Serem reduzidos a nada, fato muito comum na sociedade moderna, traz para estes indivíduos o desafio de se unirem e buscarem alternativas de superação de todas as desigualdades e preconceitos enfrentados.

5 ENTRE HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: O COTIDIANO DOS AGENTES DE LIMPEZA PÚBLICA EM QUESTÃO

5.1 ANTECEDENDO O PROCESSO DAS ENTREVISTAS

Neste capítulo, vamos entender como se deu todo processo que antecedeu as entrevistas, relatando com riquezas de detalhes que foram captados, durante as conversas com os garis participantes.

5.2 PRIMEIRA ENTREVISTA

Quando do início da pesquisa, nos pautávamos na proposta de realizar entrevistas de caráter individual. Porém, mediante a percepção da timidez de alguns entrevistados, bem como a constatação da falta de tempo de outros, reestruturamos o modelo de entrevista, diferente da que tínhamos imaginado. No diálogo de orientação, optamos por uma técnica conhecida por grupo focal⁵, cuja entrevista reúne um grupo de quatro ou mais participantes. Areladas a esta proposta, realizamos também entrevistas individuais.

Assim, elaboramos um roteiro de entrevistas, cujo objetivo principal era conhecer o cotidiano, a história de vida desses sujeitos, antes e depois, de se

⁵ Grupo focal: as entrevistas de grupo focal constituem uma técnica de pesquisa bastante utilizada na área do marketing. Trata-se de um método de pesquisa qualitativo, dada a ausência de medidas numéricas e análises estatísticas. Fonte: <https://pt.m.wikipedia.org>

tornarem garis. Porém, esta não foi de todo uma tarefa fácil, convencê-los a discutir aspectos de sua realidade, visto que seu trabalho nunca lhes deu tal oportunidade. Além disso, considerando o contexto em questão, para muitos, uma exposição como essa poderia ser vista com maus olhos pelo poder público do município, devido ao fato de estarmos em ano político-eleitoral e esse por ser um tema polêmico e inovador, repercutiu em algumas dificuldades de aceitação da participação na entrevista, pelos garis. Com isso, tive que enfatizar que a importância desse trabalho se estende para além do viés político-partidário, que revela, entre outras questões, uma discussão profunda sobre a invisibilidade que nossa função nos remete, enfatizando os aspectos sociais no âmbito acadêmico.

Devido ao meu contato diário, enquanto colega de trabalho, por diversas vezes os encontrava varrendo as ruas do município, e busquei ir falando aos poucos de meu tema de pesquisa e da vontade de conversar com eles. Sobre isso, alguns ficavam meio desconfiados, envergonhados e outros não davam muita atenção, então fui mapeando e delineando os possíveis participantes da pesquisa que aceitariam retratar um pouco de sua realidade.

De início, compreendi a posição de cada um, pois, muitos tinham medo, vergonha ou falta de coragem de falar e enfrentar uma câmera ou um gravador. Tudo isso era novo. Para eles, era difícil contarem que executam uma profissão desvalorizada, que trabalham em ambientes insalubres, que estão expostos a doenças de todos os tipos. Era difícil falar sobre o que passaram e o que ainda passam diariamente e, mais difícil ainda, era falar para um estranho, mesmo que esse estranho fosse igual a eles. Contudo, apesar desse estranhamento, nossa identidade profissional foi fundamental para que as entrevistas acontecerem, para o falar deles, ganhar forma, pois o “estranho” sabia de suas aflições, seus desejos, pois bebia da mesma água em seu ambiente de trabalho, suava do mesmo jeito que todos suavam, conhecia um por um e sabia que o fato de ser um deles, era de suma importância, para ser aceito e poder ser ouvido e, igualmente, ouvir o que tinham a dizer. Foi, assim, que, aos poucos, fui conseguindo encorajá-los para abrir, as portas de suas vidas e contarem suas histórias.

A primeira entrevista foi marcada, para uma quarta-feira, dia 10 (dez) de outubro de dois mil e dezoito, porém de última hora, eles desistiram de vir até ao local marcado, que foi em minha residência. Fiquei muito triste e ao mesmo tempo apreensivo, pois achei que eles não iriam mais querer participar das entrevistas. No dia seguinte, encontrei com alguns deles, os quais me explicaram o motivo de suas ausências, então eu entendi e fiz um novo convite, e eles se prontificaram em participar. Dessa vez, deixei a critério deles o local da entrevista, na intenção de deixá-los mais à vontade em um ambiente que era conhecido por eles. Assim, percebi que eles acataram a ideia e escolheram a casa de um deles para ser usada por mim, como o local da primeira entrevista.

Mediante isso, preparei todo o material que seria usado, como o roteiro, o termo de consentimento e o gravador que seria utilizado, no caso o celular.

Chegado o dia, que era um feriado, dia 12 (doze) de outubro de dois mil e dezoito, mais conhecido como dia de nossa Senhora Aparecida e dia das crianças, marcamos o encontro na casa de José Adilson Barbosa de Sousa, mais conhecido por, “Ninha”, para as 8 (oito) horas da manhã. A residência simples, humilde e bem acolhedora, nos fez sentir à vontade, em casa. Ao entrar, percebi que o melhor local para a entrevista seria no quintal e foi lá que nos acomodamos. Essa primeira entrevista contou com a presença de 04 (quatro) garis: José Ronaldo Jacinto Gonçalves, Severino Cirilo Gonçalves, Luiz Carlos Ribeiro e o anfitrião, José Adilson Barbosa de Souza. Os outros que viriam, desistiram sem dar explicação. Então, começamos a entrevista com os quatro presentes.

Eles, aparentemente, pareciam bem relaxados, um fumava, outro brincava com o parceiro do lado, tudo corria bem mais tranquilo do que eu tinha imaginado. Fiz uma pequena introdução do que seria o meu trabalho, o objetivo que pretendia alcançar e, após isso, entreguei o Termo de Consentimento que autoriza a divulgação de todo o material colhido na entrevista. Após essa formalidade, pedi a assinatura dos mesmos e apenas um não assinou, visto que não era alfabetizado. Então, começamos a dialogar coletando os relatos

orais de cada um, para, posteriormente, extrair os dados que pudessem subsidiar minha pesquisa.

5.3 A SEGUNDA ENTREVISTA

A segunda entrevista aconteceu no dia 17 (dezesete) de outubro de dois mil e dezoito e foi uma conversa bem inusitada, pois era uma quarta-feira à tarde, quando de repente ouvi um barulho de homens conversando, de vassouras varrendo, de enxadas cortando mato. Quando olhei o que estava acontecendo em frente à minha residência, percebi que era um grupo grande de garis, que estavam fazendo um mutirão de limpeza em minha rua. Então, não pensei duas vezes, saí pra falar com eles, e aproveitando a oportunidade única de estar em um ambiente com todos os garis, organizei uma situação para realizar a pesquisa.

Então, falei com um, com outro, mais outro e nada, não queriam conversar, eram cerca de treze garis, fora os contratados, mas com muito esforço conseguir conversar com dois deles: Antônio Valdeci e Gilvan Farias. Assim, a entrevista com eles seria bem diferente do que eu tinha planejado, pois estávamos no meio da rua e em pleno horário de suas atividades. Escolhemos uma calçada para sentar, porém eles ficaram em pé e, em meio à conversa, ouvia-se de tudo, um carro ou uma moto passando, os moradores também. Os colegas de profissão estavam ainda em exercício, foi uma entrevista bem diferente de todas.

A nossa conversa durou cerca de dezoito minutos, pois eles tinham que seguir seus colegas de farda, no mutirão da limpeza. Então, não poderiam demorar mais do que esse tempo. Essa entrevista me marcou mais que as outras, visto que foi em um ambiente inusitado, uma rua que é local de trabalho desses agentes. Portanto, em minha opinião não teria melhor lugar de falar com eles, pois eles puderam, mesmo de forma tímida, sentir uma visibilidade no momento em que falavam, pois eram alvo de olhares das pessoas que passavam, fato percebido durante nossa conversa.

5.4 A TERCEIRA ENTREVISTA

A terceira entrevista ocorreu em minha residência, contou com a presença de 02 (dois) garis que trabalham na coleta do lixo: João Batista e Alexandro Araújo. Eles chegaram após concluir seu trabalho na prefeitura. Convidei também mais dois garis que também trabalham com eles. Porém, por motivos pessoais eles não aceitaram participar.

O depoimento dos garis que participaram, das entrevistas foi de extrema importância, pois eles executam a pior tarefa nesta profissão que é a coleta do lixo, tarefa essa que ainda hoje é feita de forma precária no município de Pirpirituba, sendo utilizado um trator para transportar todo o material jogado fora por moradores. Essa prática é bastante antiga, visto que hoje a grande maioria das prefeituras já dispõe de um veículo preparado para prensar todo o material recolhido, conhecido como compactador. Além de ser uma prática muito antiga ela também se mostra muito perigosa, pois os garis trabalham em contato direto com o lixo, enfrentando, assim, um perigo constante de contraírem vários tipos de doenças, sofrerem acidentes ou até morrerem. Então, fiquei muito feliz com a presença desses companheiros que, têm muito a dizer sobre a realidade de seu cotidiano.

5.5 A QUARTA ENTREVISTA

A quarta entrevista aconteceu de forma individual e o local dela foi a residência do próprio entrevistado, no caso Marinaldo Soares. Foi a entrevista mais curta, porém fiquei muito satisfeito com o resultado. Hoje, Marinaldo se encontra relocado em outra função, por motivos de saúde. Porém, durante a conversa, ele deixou bem clara a tristeza de não está mais na ativa, executando a sua profissão.

5.6 A QUINTA ENTREVISTA

A quinta e última entrevista aconteceu na cidade de Serra da Raiz, município pequeno, com cerca de quatro mil habitantes e distante uns vinte quilômetros de Pirpirituba onde é o foco do trabalho desenvolvido nesta pesquisa. Esse entrevistado eu o conheci em pleno exercício de sua função, quando em certo dia me encontrava na casa de minha sogra, na cidade serrana, quando ouvi o som de uma vassoura e logo percebi que se tratava de um gari trabalhando. Cheguei perto dele, me apresentei e ficamos conversando sobre assuntos relacionados aos direitos que eles recebiam do município. Então, após isso falei sobre o trabalho que estava desenvolvendo e que envolvia diretamente a profissão de gari. Ele de imediato se propôs a conversar comigo, então marquei um dia pra gente discutir essa temática.

Foi em nove de novembro de dois mil e dezoito que entrevistei Alexandre Silva, em sua residência, local em que, fui bem recebido por seus familiares. O seu depoimento é bem significativo e isso me deixou bastante grato, pois queria também conhecer a realidade de outros municípios e, assim, comparar a visão de cada um em relação a este tema.

5.7 PERFIS DOS ENTREVISTADOS

1. Quadro dos Níveis de Formação

2. Nível de formação		
	Nome	Nível de formação
01	José Adilson	Ensino fundamental completo
02	Alexandre Silva	Ensino fundamental completo
03	João Batista	Ensino médio completo
04	José Ronaldo	Ensino fundamental incompleto
05	Luiz Carlos	Ensino fundamental incompleto
06	Marinaldo Soares	Ensino fundamental incompleto

07	Gilvan Farias	Ensino fundamental incompleto
08	Alexandro Araújo	Ensino médio incompleto
09	Severino Cirilo	Não alfabetizado
10	Antônio Valdeci	Não alfabetizado

Fonte: Entrevistas. SILVA, 2018.

Os dados revelam que a grande maioria dos entrevistados não concluiu seus estudos, revelando que cargos de menor prestígio social, no caso o de gari, é ocupado por pessoas que não têm um grau de formação completo. Porém, nos dias atuais seria impossível ocupar um cargo público sem ter concluído o ensino médio.

2. Quadro de distribuição dos níveis de escolaridade

Resultado de dados	
Nível de formação	Quantidade por nível de formação
Ensino fundamental completo	2
Ensino fundamental incompleto	4
Ensino médio incompleto	1
Ensino médio completo	1
Não alfabetizado	2

Fonte: Entrevistas. SILVA, 2018.

5.8 ANALISANDO AS ENTREVISTAS: REFLEXÕES POSSÍVEIS

A metodologia utilizada para a realização das entrevistas foi a de grupo focal. Esse recurso facilitou a coleta do depoimento, pois a maioria dos entrevistados mostrou-se bastante tímida. Esse método é bastante utilizado na reunião de cinco ou mais participantes e possibilita a realização de uma roda de diálogo sobre o assunto proposto.

5.9 ENTREVISTAS

No conjunto do trabalho de campo, realizamos cinco entrevistas, com dez (10) garis, no período de 10 de outubro a 9 de novembro de 2018. Este processo me deu possibilidade de conhecer melhor o olhar destes homens, devido ao fato de que não encontrou mulheres na área pesquisada. Os entrevistados, após tomarem conhecimento dos objetivos do estudo, assinaram o TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, recebendo também a garantia do anonimato de sua identidade. Todavia e, apesar disto, os garis solicitaram a inclusão de seus nomes no trabalho, fato que foi respeitado. As questões discutidas traziam dados como: experiências profissionais que antecederam a atual profissão, saúde após anos de exercício, percepção sobre o trabalho que desenvolve, o seu olhar diante da sociedade, acidentes de trabalho entre outros.

Esse processo de aproximação e conquista, requereu tempo e confiança, mesmo sendo eu membro da mesma profissão.

A prefeitura municipal de Pirpirituba, atualmente, possui um quadro de (32) garis concursados ou efetivos. Porém, exercendo a profissão hoje, são (21) vinte um, os quais fazem a varrição das ruas e a coleta do lixo. Desses vinte um, eu conseguir entrevistar nove, e o décimo foi de outra cidade “Serra da Raiz”. Não foi uma tarefa fácil conseguir a fala dos mesmos, pois, muitos deles não se sentiam à vontade em falar sobre suas experiências profissionais como gari. Consegui realizar as entrevistas a custo de muita insistência e paciência, e por ser um companheiro de trabalho deles isso foi possível, caso contrário seria ainda mais difícil.

QUESTÃO 01: Sobre a vida profissional, antes de se tornar gari

A primeira pergunta tem como objetivo principal, conhecer a história que antecede a profissão atual, e, através dela, conhecer um pouco de sua trajetória do entrevistado no mercado de trabalho.

Eu trabalhava de cortador de cana, cortava cana, limpava mato, era serviço braçal (**J. Adilson**)

Eu não fui diferente dele, também venho da parte da agricultura (**J. Ronaldo**).

Antes de trabalhar na prefeitura, eu sempre trabalhei, sofri muito nas usinas, cortando cana, arrancando toco (**Severino**).

Eu também fui como os meninos aí, também, já trabalhei muito pelas usinas (**L. Carlos**).

Trabalhava como servente, ajudante de pedreiro (**Marinaldo**).

Cortava cana, fazia de tudo trabalhava na agricultura (**A. Valdeci**).

Trabalhava no sítio ajudando meus pais, na agricultura (**J. Batista**).

Eu trabalhei de cobrador e operador de máquina em uma fábrica (**A. Araújo**).

Trabalhava como servente ajudante de pedreiro (**Alexandre**).

Trabalhava na roça, limpava mato, cortava cana (**Gilvan Farias**).

Os dados revelam que a grande maioria dos entrevistados trabalhava no corte e manejo da cana-de-açúcar em usinas na região do brejo paraibano, esse alto índice de trabalhadores que praticavam essa atividade é explicada com o alto investimento que foi direcionado ao Nordeste do país, no período da década de 1970 a 1980, a fim de alavancar o setor automobilístico com a produção de automóveis e álcool, através da cana-de-açúcar produzida no Nordeste. Isso fez nascer o Pró álcool, almejando desenvolver, a região naquele período e aumentando o número de empregos nessa atividade.

O dia nove de outubro de 1975, quando o então presidente general Geisel anunciou ao país, a criação do Proálcool, foi uma data memorável, o decreto nº 76.593 de 14 de novembro de 1975 institucionalizava o programa do álcool. (PONTIN, 1996, p.14.)

Essa é uma das explicações do que levou os entrevistados a optarem pelo serviço braçal, no corte e manejo da cana, pois essa era uma tarefa bastante praticada naquela na região. Podemos também identificar que alguns participantes trabalharam na construção civil e no setor de serviços privado. Esta análise é bastante importante para se entender o caminho que foi traçado até se chegar à profissão que eles ocupam hoje.

QUESTÃO 2: Sobre o tempo do trabalho exercido, sobre contratos efetivados

Na cidade de Pirpirituba, onde está sendo desenvolvida a pesquisa, o cargo de gari era ocupado antigamente através de contratos temporários, cujo tempo máximo seria de quatro anos, podendo ser estendido caso o prefeito atual conseguisse sua reeleição.

Essa segunda pergunta tem como objetivo conhecer melhor a forma de contrato de trabalho dos entrevistados, bem como a forma como ele ingressou no serviço público, revelando assim, se ele é concursado ou efetivo por tempo de trabalho. Na constituição federal de 1988, Art.37, Inc. II. Verifica-se que:

Art. 37. A administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência e, também, ao seguinte: (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 19, de 1998)

II - a investidura em cargo ou emprego público depende de aprovação prévia em concurso público de provas ou de provas e títulos, de acordo com a natureza e a complexidade do cargo ou emprego, na forma prevista em lei, ressalvadas as nomeações para cargo em comissão declarado em lei de livre nomeação e exoneração. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 19, de 1998) fonte. (Constituição Federal de 1988. Acesso em 06/05/2019).

Esta Lei torna possível o ingresso de servidores por meio de concurso público, aumentando assim a chance de uma estabilidade duradora, para aquele que conseguir passar por meio de uma prova escrita ou dependendo do cargo outra prova prática. O concurso público é sonho de muitas pessoas e cada dia que passa fica mais difícil ingressar em um, devido aos poucos números de vagas e altos índices de concorrência.

Há vinte um anos, sou concursado (**J. Adilson**).
Há dezessete anos, sou concursado (**J. Ronaldo**).

Há vinte um anos, sou concursado (**Severino**).
 Há vinte um anos, sou concursado (**L. Carlos**).
 Há vinte um anos, sou concursado (**Marinaldo**).
 Há vinte um anos, sou concursado (**A. Valdeci**).
 Há nove anos, sou concursado (**J. Batista**).
 Há nove anos, sou concursado (**A. Araújo**).
 Há oito anos, sou concursado (**Alexandre**).
 Há vinte um ano, sou concursado (**Gilvan Farias**).

Os dados revelam que todos os entrevistados ingressaram no serviço público, por meio de concurso, pois todos são concursados, a grande maioria possui mais de vinte anos de trabalho, exercendo o cargo de gari. Na entrevista, fica visível a alegria e a satisfação de serem concursados, pois devido à falta de estudo da grande maioria, seria muito difícil hoje, ter uma estabilidade, em um mercado de trabalho tão concorrido e com poucas vagas.

Dos dez (10) entrevistados, três (3) têm uma média de nove a oito anos de exercício nesta profissão, e grau de formação desses mais jovens é bem elevado em relação aos outros. Isto revela a dificuldade em ingressar por meio do concurso público, pois está sendo exigido nos dias de hoje, um grau maior de escolaridade e isso impede que as pessoas que não tiverem uma formação técnica ou intelectual, não consigam ocupar cargo público por meio de concurso.

QUESTÃO 3: Percepções sobre o trabalho que desenvolve

A terceira pergunta tem como foco perceber se os participantes gostam de exercer o ofício de gari, em seu cotidiano e qual, o grau de satisfação expressada por eles nesta profissão.

Todos nós gostamos, a maioria gosta né (**J. Adilson**).
 Eu gosto do meu trabalho (**J. Ronaldo**).
 Eu amo meu trabalho (**Severino**).
 Eu gosto do meu trabalho, pois é um trabalho que a gente faz com amor. A gente faz pra ver a cidade da gente limpa, mas só que a gente não recebe aquele reconhecimento (**L. Carlos**).
 Sim, eu gosto (**Marinaldo**).
 A gente faz por amor ao trabalho, a gente trabalha por amor ao serviço e procura fazer bem feito, mas o povo ainda reclama (**A. Valdeci**).
 Gosto (**J. Batista**).

É gosto, em relação ao trabalho eu não tenho muito que reclamar não, tem alguns problemas que todo trabalho tem, todo cargo, toda função tem, mais em relação ao trabalho em si não tenho o que reclamar **(A. Araújo)**.

Assim, o trabalho que desenvolvo eu gosto, mas vejo que é um trabalho muito espinhoso, é um trabalho em que muitas pessoas da sociedade discrimina a classe do gari **(Alexandre)**.

Eu gosto. Mas, é um serviço que a gente não é visto por ninguém. A gente somos da limpeza agente faz o que pode mas ninguém dá valor o que a gente faz **(Gilvan Farias)**.

Estes depoimentos evidenciam que os entrevistados expressam gostar do serviço que desenvolvem, porém é preciso destacar fatos que chamaram a atenção, tais como: “Este é um trabalho muito espinhoso. (Alexandre, 2018). É um serviço que a gente não é visto por ninguém” (Gilvan Farias, 2018).

Reflito que estas falas meio unânimes, por vezes, não expressam a visão das dores que existem por trás dessa aparente opinião. Em um jardim, existe uma infinidade enorme de plantas, algumas belas outras nem tanto, lá também existem diversos tipos de rosas, porém por baixo da beleza da rosa existem espinhos que, muitas das vezes, não são vistos pelas pessoas, que encantadas pela rosa, não percebem o perigo por baixo dela. Esta é uma metáfora pra se entender melhor o contraste da profissão de um gari, sobre o qual eles asseveram que é um trabalho espinhoso e, mesmo assim têm orgulho em assumi-lo, sobretudo, por amar o que fazem e fazerem por amor ao serviço, embora passem despercebidos pela sociedade que identifica apenas a rosa ou a rua limpa, e esquece-se de dar o devido valor ao sujeito, que acordou cedo e limpou a rua.

QUESTÃO 4: Como você acha que a sociedade e as pessoas veem o trabalho do gari?

Essa pergunta é de suma importância, para se entender como é que os garis veem o olhar da sociedade a seu respeito, como eles sentem na pele essa indiferença nua e crua.

Somos maus vistos, para criticar tem muitos, qualquer falinha vai logo reclamar na prefeitura **(J. Adilson)**.

Na teoria eles podem até falar que gostam do gari, mas na realidade quando nós passamos varrendo a rua ou até mesmo na coleta, as pessoas tampam o nariz e aquilo dali é constrangedor pra nós que trabalhamos, ficamos muito tristes e é aí que agente vê que o trabalho de gari não é bem aquilo que eu pensava. Eu pensava que o gari era bem visto perante a sociedade, mas quando a gente estamos trabalhando percebemos a invisibilidade do gari. E isso aí deixa a gente muito triste, a gente fica muito constrangido. Eu creio que nós façamos a limpeza de nosso município. E deixam a desejar, tanto a sociedade e os gestores públicos, tanto aqui de Pirpirituba como da região. A gente fazendo um levantamento, uma pesquisa na internet, a gente vê que o gari não é bem visto, pela sociedade em um todo **(J. Ronaldo)**.

A gente trabalha por amor, por dedicação ao trabalho da gente, procura fazer bem feito, mas muitos não reconhece. A gente trabalha pega uma rua dessa varre todinha e quando volta já está suja de novo. Aí muitos moradores reclamam, mas rapaz esses varredores, esses garis, não tão trabalhando direito não. Já tem outros que reconhece o trabalho **(A. Valdeci)**.

A gente não é reconhecido na sociedade, agente apanha rato morto, rato podre entendeu, sapo veie esbagaçado e muito mal os povos falam com agente, a gente passa assim que nem passa um vento, que ninguém nunca vê a gente. Que a gente é sem valor na cidade, agora a gente dá o nosso valor a nós mesmo, entendeu, a verdade é isso que eu queria falar **(Severino)**.

Muitos não, mas muitos têm preconceito e acham que é um serviço sebooso, mas é a função que a gente faz e tem que fazer pra receber o pão de cada dia, conseguir o salariozinho da gente pra dá de comer a nossa família **(Marinaldo)**.

A sociedade vê o trabalho do gari, como ele fosse uma pessoa inútil, não tem nenhum valor pra eles, mas para o meio ambiente nós temos muito valor, porque eu vejo aí você levando a coleta de lixo e isso é muito importante para o meio ambiente **(Alexandre)**.

Alguns eu acho que até valorizam, se importam, outros, porém não nem aí pra gente **(A. Araújo)**.

Eu acho que é assim, da mesma forma que tem muita gente que respeita e pode ser que até admire o trabalho, tem outros que ignora e fala que é o pior serviço da prefeitura **(J. Batista)**.

Os depoimentos dos participantes foram bem impactantes, revelando uma grande insatisfação, causada em muitas das vezes por ações de moradores que não intendem a função de um gari. Há relatos de várias piadas referentes ao sujeito que faz a varrição das ruas, vou citar as mais frequentes

escutadas por eles, “se eu não sujo a rua, você não trabalha”, é “pra varrer bem direitinho, viu? Se não eu digo ao prefeito”. Essas são algumas piadas sofridas diariamente por garis no ambiente de trabalho. Isso demonstra a falta de respeito e a incompreensão das pessoas, em relação a essa atividade, pois por ser um serviço considerado sujo e sebooso, muito se sentem no direito de criticar e machucar as pessoas que executam essa atividade.

Quem trabalha na coleta do lixo, perde um pouco de seu olfato, devido a uma exposição constante com o lixo, isso faz com que o indivíduo não perceba que está com mau cheiro. Então, em muitas das vezes, ele sofre constrangimentos em locais públicos como podemos notar na fala de (Araújo e Batista, 2018).

Geralmente por jovens ou crianças, que diziam lá vai o carro da Avon, ou lá vai o cheiroso, cheiroso (**A. Araújo**). Sempre tem umas piadas e modo de olhar de algumas pessoas nos constrange **J. Batista**).

A coleta do lixo da cidade de Pirpirituba é feita através de um trator, conectado a um carroção, esse veículo é motivo de gozações quase que diariamente, devido ao mau cheiro que ele exala ao passar nas ruas. Outro depoente também expressa esse constrangimento em suas palavras:

Na teoria, eles podem até falar que gostam do gari, mas na realidade quando nós passamos varrendo a rua ou até mesmo na coleta, as pessoas tampam o nariz e aquilo dali é constrangedor pra nós que trabalhamos, ficamos muito tristes e é aí que agente vê que o trabalho de gari não é bem aquilo que eu pensava. Eu pensava que o gari era bem visto, perante a sociedade, mas quando a gente está trabalhando percebemos a invisibilidade do gari. E isso aí deixa a gente muito triste, a gente fica muito constrangido (**Ronaldo, 2018**).

Então fica claro aos olhos dos garis essa falta de compreensão da sociedade, referente à sua atividade, pois o lixo é produzido por todos, mas mesmo assim, algumas pessoas não percebem que aquele sujeito sujo, muitas das vezes “fedorento”, está limpando, coletando o seu lixo, e é por este motivo que esse sujeito deveria ser respeitado, e não ignorado.

QUESTÃO 5: Sobre preconceito ou discriminação sofridos em no ambiente de trabalho ou fora dele

Essa questão é bastante importante, no sentido de ver pelos olhos de um gari, se ele sofre algum tipo de preconceito ou a humilhação no ambiente de trabalho ou fora dele.

Eu já, em um jogo de futebol nós estávamos jogando, quando terminou o jogo que nós ganhamos do outro time, eles falaram mais rapaz nós vamos perde pro uns lixeiros que trabalha no lixo. E outro também, a gente pedindo água com sede, aí o cara falou, que não ia dá mais água, porque agente sujava o caneco, o copo lá. Depois disso a prefeitura forneceu uma garrafa térmica pra nós beber água **(J. Adilson)**.

Eu também recebi uma de um rapaz, eu não vou cita o nome, mas eu cheguei a um ambiente pra tomar água, e ele disse assim, sai do meio que o lixeiro vai beber água, ai eu falei, lixeiro não, eu sou um gari com muito orgulho, eu vim aqui beber água porque estou com sede. É muito triste, uma humilhação mesmo **(L. Carlos)**.

É muito triste **(J. Ronaldo)**.

É muito humilhante **(Severino)**.

É uma humilhação mesmo **(L. Carlos)**.

Não, não mais eu e Ninha quando trabalhávamos na rua do sapo, tinha uma mulher que a porta dela era cheia de coco de gato, a gente varria, mas quando a gente passava, ela dizia; vai varrer aqui não? Se não eu vou dizer o prefeito. Na rua da rodagem era assim, a mulher jogava casca de feijão nas costas da gente, a gente passava varrendo, varria a porta dela e ela depois que já tivemos passado ela sujava a rua e ainda nos chamava pra varrer novamente **(A. Valdeci)**.

Com certeza, quando trabalhei no trator do lixo, o povo demorava pra colocar o balde na porta de sua casa, porém depois que a gente passa, ai eles colocam, assim a gente tem que se humilhar e ter que voltar pra pegar o lixo já pra evitar confusão com os moradores **(Marinaldo)**.

Com certeza, teve um fato que me marcou muito e até hoje está gravado em minha memória e na memória de meus companheiros que trabalhavam comigo, nesse período teve uma senhora que disse que: 'gari e merda faz pareia'. Essa foi a humilhação mais forte que recebi **(Alexandre)**.

Geralmente por jovens ou crianças, os quais dizem lá vai o carro da Avon, ou lá vai o cheiroso, cheiroso **(A. Araújo)**.

Sempre tem umas piadas e modo de olhar de algumas pessoas nos constroem **(J. Batista)**.

Como podemos notar na fala dos colaboradores, fica claro que eles sofreram algum tipo de humilhação por serem garis, tanto no exercício da profissão como fora dela, isto nos chama a atenção para demonstrar até que ponto vai essa ligação entre o sujeito e sua profissão, revelando uma rotulação que marcara a vida desses indivíduos.

Essa imagem de um sujeito que trabalha diretamente com o lixo, ganha, conseqüentemente, adjetivos que os remete ao lixo, como: lixeiro, seboso, fedorento, nojento, isso reflete na perda da identidade desse sujeito, expondo apenas a visibilidade do lixo.

QUESTÃO 06: Sobre a valorização na profissão desempenhada, em termos econômicos.

A profissão de gari vem aos poucos conseguindo ser mais valorizada. Porém, ainda há muita luta pela frente, a fim de conseguir todos os direitos que a atividade merece. Antigamente, o profissional da limpeza não recebia nenhum adicional referente ao grau de insalubridade ao qual ele estava exposto, porém depois de muito tempo, a (CLT) Consolidação das leis do trabalho, criou um artigo que regulamenta o grau de insalubridades sobre atividades que ponham em riscos os sujeitos que executam funções insalubres. Porém, apesar da lei em vigor, muitos empregadores e prefeitos não respeitam essa medida, que tem por finalidade, ressarcir o trabalhador que está em constante vulnerabilidade dependendo da função que executa. O Art. 189 da consolidação das Leis do trabalho traz em suas entrelinhas, o que é considerado uma atividade insalubre.

Lei 6.514 de 1977 - Art. 189 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), serão consideradas atividades ou operações insalubres aquelas que, por sua natureza, condições ou métodos de trabalho, exponham os empregados a agentes nocivos à saúde, acima dos limites de tolerância fixados em razão da natureza e da intensidade do agente e do tempo de exposição aos seus efeitos (BRASIL, 1977).

O gari executa uma tarefa considerada insalubre, o grau, depende da função que o sujeito desenvolve, variando de vinte a quarenta por cento e

alguns casos não recebem nada, isso depende da boa vontade do empregador ou do prefeito de cada município.

Antes nós não tínhamos o conhecimento das insalubridades né, mas a partir do momento que veio à tona o conhecimento que trouxeram pra gente, a gente viu que tinha muitos direitos. Hoje, recebemos vinte por cento de insalubridade, mas estamos correndo atrás de mais vinte, pois trabalhamos na poeira e alimpando mato (**J. Ronaldo**).

Nós varrendo bem cedo, e alimpando mato, tirando terra, por isso que nós estamos correndo atrás dos outros vinte por cento, pois estamos exercendo duas funções em uma só, alimpando mato tirando terra e bem cedo varrendo rua (**J. Adilson**).

Na questão econômica, tem que melhorar, o povo tem que ver, que principalmente os garis são os que mais sofrem, são os mais pisados e o salário é muito pouco (**Marinaldo**).

Não, pois a gente trabalhar com a poeira, e o serviço é muito forçado. Nós só recebemos vinte por cento, mais se a gente recebesse os quarenta por cento era bom demais, é o que todos nós queremos (**A. Valdeci**).

Não, pois a gente não recebe o que é pra receber. Aqui só recebemos quinze por cento de insalubridade tanto os varredores como que trabalha na coleta (**Alexandre**).

Nós recebemos de acordo com a lei, pois a gente da coleta temos direito a quarenta por cento e assim recebemos, depois de muita luta com os gestores que passaram pelo município. Porém, nós estamos no sol, dentro do lixo e eu acho isso uma condição que não era mais para está acontecendo, pois se caso chegasse uma denúncia ao ministério público, com certeza a prefeitura teria que tomar as providências pra adquirir um compactador ou um carroção vasculhante. Assim, com essas medidas iriam nos tirar de dentro do lixo, pois essas condições vão além do grau máximo de insalubridade em minha opinião (**A. Araújo**).

Na questão econômica, eu não tenho o que falar do município, pois eu acho que é um dos poucos a pagarem os quarenta por cento de insalubridade (**J. Batista**).

Na fala dos garis, fica evidente a insatisfação, em termos econômicos, visto que os mesmos estão em extrema vulnerabilidade no exercício desta atividade. Em Pirpirituba, foi realizada a pesquisa, os garis conseguiram, através de muita luta, receber o adicional de insalubridade, no ano de 2011.

O gestor concedeu um acréscimo de vinte por cento à categoria, que faz a varrição das ruas e um adicional de mais cem reais a quem trabalha na

coleta do lixo. Essa foi uma grande conquista, que há anos os garis vinham reivindicando dos gestores públicos. Uma fala que chama a atenção é a de Araújo (2018). Ele ressalta:

Porém, nós estamos no sol, dentro do lixo e eu acho isso uma condição que não era mais para acontecer, pois se acaso chegasse uma denúncia ao ministério público, com certeza, a prefeitura teria que tomar as providências pra adquirir um compactador ou um carroção vasculhante. Assim, com essas medidas iriam nos tirar do lixo, pois essas condições vão além do grau máximo de insalubridade em minha opinião (ARAÚJO, 2018, p. 30).

Essa fala expõe uma realidade ainda presente em pleno Século 21, trabalhadores que trabalham em contato direto com o próprio lixo, se expondo a vários tipos de doenças que podem trazer sequelas irreversíveis ao ser humano, (ARAÚJO, 2018), também chama atenção para a ausência de um compactador que melhorasse significativamente as condições de trabalho dos garis e ele vai ainda além, quando tem consciência de que considerado o grau máximo de insalubridade o acréscimo de quarenta por cento ainda é pouco, para quem trabalha em contato direto com o lixo.

QUESTÃO 7: Sobre a discriminação dos familiares devido ao fato da profissão de gari

A este respeito, todos os entrevistados discordam de que seus familiares sofreram algum tipo de preconceito ou discriminação por ele ser um gari.

QUESTÃO 8: Sobre as percepções acerca desta imagem abaixo

Essa imagem foi retirada de blog, o qual traz em seu título, “não tem gari no samba”. Ela refere-se a uma greve geral ocorrida em pleno período de carnaval, especificamente no sambódromo do Rio de Janeiro, onde ocasionou um caos na limpeza pública. As ruas em torno do sambódromo ficaram completamente sujas e o amontoado de lixo, era enorme. Esse fato foi bastante divulgado pelas mídias e os telejornais, demonstrando a repercussão que

tomou essa greve. As reivindicações dos grevistas eram aumento de salários e melhores condições de trabalho para os garis.

Essa imagem foi escolhida para ser usada como um parâmetro de como os garis se enxergam ao vê-la, e como eles a descrevem.

Figura 1: Não tem gari no samba



Fonte: COSTA (2014)

A. Blog sobre psicologia, comportamento e entrelinhas.

Essa imagem eu me considero como eu tô aí, eu varrendo ai com o varsorãozinho de lado, na luta, invisível, um sofredor (**Severino**).

Eu me vejo aí invisível, como já falei no início da entrevista que me sinto invisível no meio da sociedade. Pois, há vezes que a sociedade olhar, há é fácil tá arrastando uma vassoura, mas quando vão trabalhar sabem que não é bem assim. A gente trabalha. A agente suamos, pois andamos bastante em nosso setor. O trabalho não é como dizem que é serviço maneiro e fácil, só quem trabalha sabe (**J. Ronaldo**).

Quer dizer que a gente não é visto pela sociedade. A sociedade não nos vê, o trabalho da gente (**A. Valdeci**).

Eu me lembro de mim, que era minha caneta né, minha profissão era essa aí. E às vezes eu fico pensando em ter saúde para eu voltar a minha profissão, pois a minha portaria é essa aí como gari, muita gente tem preconceito, mas eu amava meu trabalho e continuo amando (**Marinaldo**).

Pra algumas pessoas podem ser que sim, que nos ver assim, e eu acho que é até pra uma minoria (**A Araújo**).

Como meu amigo falou, Araújo pra algumas pessoas sim e outras não. Se for pensar por esse lado, ninguém aqui em Pirpirituba me conhece e, principalmente, pelo fato de ser de outra cidade (**J. Batista**).

A imagem é clara e objetiva, nela podemos enxergar um gari sem braços, sem rosto, apenas uma farda e uma vassoura. esse ser, ao vestir essa farda se transforma ou se some, perde sua identidade, seu nome não é mais próprio e sim comum, como assevera Costa (2004):

Para quem o uso do uniforme é obrigatório existe um lugar social específico. Naqueles trajes, os varredores, todos eles, aparecem como se tivessem uma só identidade: 'Nem dá para saber quem é um, quem é outro'. Para “os outros”, não aparecem como pessoas. Aparece o uniforme. Desaparecem os homens (COSTA, 2004, p. 123).

Portanto a imagem é uma ilustração pra visualizar a invisibilidade do gari e a farda serve para esconder sua identidade tornando-lhe um sujeito comum.

QUESTÃO 9: Sobre as condições de saúde, no exercício da profissão?

Como já foi mencionado, o trabalho de um gari, não exige tanto estudo, mas por outro lado, exige muito esforço físico e exaustão ao máximo dependendo da tarefa que o sujeito executa. O gari está sujeito à sobrecarga de peso, sol intenso ou chuva, odores desagradáveis que exalam do lixo, poeira intensa, e etc.

Então, um sujeito que trabalha nesta profissão, extremamente exposto a todo o tipo de doenças, como iremos ver na fala dos garis.

Muito ruim, eu piorei depois de trabalhar como gari. Hoje, sofro de problemas no coração, e se não tomar o remédio direito, fico tendo tonturas, dor de cabeça e as minhas pernas ficam inchadas, também já fui operado de hérnia, por conta da sobrecarga de peso que pegava no trator do lixo (**Marinaldo**).

Eu sofro bastante com a coluna (**J. Ronaldo**).

Eu sofro com as mãos, durante a noite elas começam a comichar, aí eu tenho que fazer compressa de vinagre e sal (**L. Carlos**).

Eu já peguei pneumonia e passei quase seis meses internado no hospital de Pirpirituba (**Severino**).

Eu já tinha problema de visão, mas só que com o tempo de gari, levando aquela poeira na cara, as coisas pioraram. Hoje, eu estou trabalhando cego de um olho, já tentei me encostar mas não consegui, porém, o prefeito quis me colocar como

vigia, mas eu não quero pois aguenta abuso desses meninos maluidos não quero mesmo, prefiro estar varrendo rua **(Valdeci)**.

Não muito bem, pois eu peguei um germe aqui na perna. Meu amigo, coça que só a mulinga, já a minha coluna dói bastante, pois toda noite minha mulher tem que fazer compressa pra eu dormir **(Gilvan Farias)**.

Até agora me sinto bem, mas no futuro, com certeza, deverá aparecer algumas doenças, pois os moradores não têm consciência e colocam muito peso nos sacos de lixo, achando assim que somos de ferro ou até mesmo o incrível Hulk **(A. Araújo)**.

Não tem muito que falar sobre isso não, pois graças a Deus tenho até agora uma boa saúde, porém no inverno, devido às chuvas a gente contrai muitos germes, minha não coça muito **(J. Batista)**.

Eu contrai uma alergia muito forte no período que trabalhei não coleta do lixo, me fazendo ir várias vezes ao médico. E foi por conta dessa alergia que me tiraram da coleta e me colocaram pra varrer, pois eu não tinha mais saúde pra exercer aquela tarefa **(Alexandre)**.

Os dados revelam que todos os garis, sem exceção, contraíram algum tipo de doença, ocasionado pela exposição constante com o lixo, dentre eles, os mais comuns: dor na coluna, germes ou coceiras, alergias, hérnia ocasionada pela sobrecarga de peso, como um dos entrevistados revela em tom de brincadeira na conversa diz: Colocam muito peso nos sacos de lixo, achando, assim, que somos de ferro ou até mesmo o incrível Hulk **(A. Araújo)**.

Essa colocação chega a ser engraçada, aos olhos de quem ver de fora, porém ela traz um relato sério, de um trabalhador que está cansado de pegar tanto peso, ocasionado pela falta de consciência das pessoas, que exageram na quantidade de lixo colocado em sacos e baldes. O peso em muitas vezes é tão pesado, que precisa do auxílio de outro colega, para ser erguido até o coletor de lixo, isto é uma prática comum no cotidiano de um gari.

QUESTÃO 10: Sobre riscos de acidente no ambiente de trabalho

O ofício de gari é uma tarefa um tanto perigosa, pois quem trabalhar na coleta do lixo está sujeito a se ferir seriamente, devido à imprudência de pessoas, que não têm consciência de seus atos. Outra situação que pode desencadear um acidente grave é falta de equipamentos essenciais para o

manejo do lixo, um deles é a luva e outro é a bota, esses dois equipamentos se forem de qualidade podem diminuir em muito os impactos ocasionados por materiais cortantes, como cacos de vidro ou seringas, elemento facilmente encontrados nos lixões.

Uma vez eu trabalhando na coleta do lixo, peguei uma sacola e de repente senti uma picada, quando rasguei a sacola percebi que se tratava de uma seringa. Esse fato foi muito assustador pra mim, pois fiquei com muito medo de contrair uma doença. Já em outra ocasião, eu presenciei um amigo que trabalhava comigo se cortar com cacos de vidro, essa prática é bastante comum **(Alexandre)**.

Eu mesmo já me furei duas vezes com seringa, isso é muito revoltante, pois as pessoas não têm nenhum tipo de consciência. Não se preocupam em colocar a tampa nas agulhas, é muito triste.

(J. Batista).

Eu já me furei com palito de espetinho, e fiquei mais de uma semana em casa me recuperando do corte que foi profundo. Os estabelecimentos comerciais, bares ou churrasquinho deveriam ter mais consciência e pensarem um pouco nas pessoas que colhem seu lixo, pois há forma tão simples de prevenir esses acidentes, pois bastaria uma garrafa Pete e assim eles colocariam o espeto dentro, diminuindo o risco da gente se ferir. Outra vez, o pneu do carroção do lixo passou por cima de meu pé no lixão, fui um milagre não ter acontecido coisa pior comigo, visto que já tiveram outros acidentes que levaram a óbito diaristas que passaram pela coleta **(A. Araújo)**.

Eu já me furei em um broche, um prego no carroção do lixo. **(J. Adilson)**.

A gente pega muita coisa podre na rua, a gente pega muita bactéria né, eu já peguei, meu parceiro já pegou. Eu digo que a gente não é trabalhador de prefeitura, a gente trabalha pra sociedade a gente pega tudo que parece na rua, e isso vem dos moradores. **(L. Carlos)**.

O acidente no ambiente de trabalho é uma coisa imprevisível, pode acontecer a qualquer momento, pois, por baixo de toneladas de lixo se tem de tudo, desde animais mortos à materiais cortantes, porém o cidadão tem como tomar medidas simples que podem evitar diversos acidentes, no ambiente de trabalho desses garis. Os próprios garis relatam maneiras simples de como fazer o descarte correto de espetos que são usados para se fazer churrasco. Já o descarte de seringas é apontado, por eles, como o item que tem os mais altos índices de acidente. Argumentam que este material devia ser descartado

em ambientes hospitalares, não no lixo comum. Portanto, devemos ter mais consciência e pensar no outro, até na hora de jogar o lixo fora, pois sua atitude pode evitar diversos acidentes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo este trabalho, com alegria e satisfação, em expor reflexões sobre uma categoria que merecia esse destaque em pesquisas acadêmicas, pois há um campo vasto de possibilidades sobre o tema em questão. Conforme evidenciado no título do estudo: Trabalho e Desigualdade Social na contemporaneidade: reflexões sobre a invisibilidade dos Agentes de Limpeza Pública, fiz um recorte temporal da categoria trabalho, identificando as expressões da mesma, sua evolução e a precarização que enfrenta, desde a sua criação, fato que acarreta no aumento da desigualdade social.

Objetivamos com este estudo, refletir sobre as condições de trabalho destes agentes, frente à relação com a sociedade, com indicativo acerca da invisibilidade social desses sujeitos, com um intuito de reconhecer a importância social e laboral destes profissionais. Este estudo revela narrativas de vida de histórias sufocadas, pela dor, pelo silêncio pela invisibilidade desta profissão e destes profissionais, marcados pelo servilismo e pela degradação.

Por meio desta pesquisa, que aqui apresenta um caráter de estudo introdutório, buscamos plantar uma semente na sociedade e fazer com que as pessoas tenham mais consciência da importância e do papel social e laboral destes cidadãos. Espero que esta pesquisa sirva de inspiração e encorajamento para que novas pesquisas que aprofundem essa problemática sejam incorporadas.

Portanto, tornar o invisível real e, ao mesmo tempo, audível, é tarefa, também, de historiadores, comprometidos com as memórias da história do presente, a partir da qual, novos personagens entram em cena, construindo a história continuamente.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo I, C (Ricardo Luís Coltro), 1953. **O caracol e sua concha: ensaio sobre a nova morfologia do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2005, 136 p: (o mundo do trabalho).

AMADO, JANAÍNA; FERREIRA, Marieta Moraes de. **Uso e abusos da História oral**. Rio de Janeiro: editora da fundação Getúlio Vargas, 1998

BRASIL. Lei 6.514 de 1977 - Art. 189 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Disponível em: www.jusbrasil.com.br. Acesso em 07/05/2019.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/.../inciso-ii-do-artigo-37-da-constituicao-federal-de-1988>. Acesso em 06/05/2019.

CARDOSO, L, A.. A categoria trabalho no capitalismo contemporâneo. São Paulo: Editora, Tempo social. **Revista de Sociologia da USP**, v. 23, n. 22. Ano, 2011.

COSTA, Fernando Braga da. **Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Globo, 2004.

COSTA, A. Blog sobre psicologia, comportamento e entrelinhas. Disponível em: <https://arleycosta.wordpress.com/2014/03/07/nao-tem-gari-no-samba/>> 07/03/2014. Acesso em 09/05/2019.

FOLHA DE LONDRINA. Termo 'gari' surgiu no Brasil Imperial. Folha Londrina, jornal do Paraná, 10 de outubro de 2007. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cadernos-especiais/termo-gari-surgiu-no-brasil-imperial-619244.html>. Acesso, 14/05/2019.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O serviço social na contemporaneidade: o trabalho e formação profissional!** Marilda Villela lamamoto. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

KANTORSKI, L, P. **As transformações no mundo do trabalho e a questão da saúde** - algumas reflexões preliminares. Ver Latino-am. Enfermagem, Ribeirão Preto, v.5, n 2, p. 5-15, abril 1997.

MORAES, Eunice Léa de. **Relação gênero e raça na política pública de qualificação social e profissional**. Brasília: TEM, SPPE. DEQ, 2005.

MAURÍCIO, WALDMAN. **Lixo: Cenários e desafios, abordagens básicas para entender os resíduos sólidos**. São Paulo: Cortez, 2010.

OLIVEIRA, Roberto Vêras. (Org.). **Dinâmica atual do trabalho na Paraíba: leituras sociológicas**. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

PATRÍCIO, T. A. **Invisibilidade Social**. Tocando no assunto. Publicado 10 de março 2017. Link. <<https://www.youtube.com/watch?v=G2G6ciyo-3E>> Acesso 19/04/2019.

PONTIN, J. A. **O cultivo intenso da cana-de-açúcar e a qualidade do solo**. Uma análise integralizadora do Proálcool. Tese doutorado defendida na Universidade de São Paulo, (1990-1996). <www.enemex.com.br/assets/pdf/tese-doutorado-joel.pdf> Acesso em 06/05/2019

PEREIRA, Cristina Jaquetto; GOES, Fernanda Lins. (Orgs.) **Catadores de materiais recicláveis: um encontro nacional**. Rio de Janeiro: Ipea, 2016.

PEDROSA, Marcus. **Tripalium o trabalho transformado em tortura**. Goiânia: Kelps, 2007.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Grupo Editorial Letramento, 2017.

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SOUZA, Jessé. **A construção Social da Subcidadania: para uma Sociologia política da modernidade periférica**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

SOUZA, Jessé, **A invisibilidade da Desigualdade Brasileira**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

OLIVEIRA, Tiago Bernardon. (Org.). **Trabalho e trabalhadores no Nordeste: análises e perspectivas de pesquisas históricas em Alagoas, Pernambuco e Paraíba**. Campina Grande: Eduepb, 2015.

FONTES ORAIS

- Relação dos Entrevistados:

1) Alexandre Silva, Serra da Raiz, 09/11/2018.

2) Alexandro Araújo, Pirpirituba, 02/11/2018.

3) Gilvan Viana Farias, Pirpirituba, 17/10/2018.

- 4) João Batista Agostinho da Silva, Pirpirituba, 02/11/2018.
- 5) José Adilson Barbosa de Sousa, Pirpirituba, 12/10/2018.
- 6) José Ronaldo Jacinto Gonçalves, Pirpirituba, 12/10/2018.
- 7) Luiz Carlos Ribeiro, Pirpirituba, 12/10/2018.
- 8) Marinaldo Soares, Pirpirituba, 07/11/2018.
- 9) Severino Cirilo Gonçalves, Pirpirituba, 12/10/2018.
- 10) Antônio Valdeci, Pirpirituba, 17/10/2018.

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ROTEIRO DA ENTREVISTA

I – IDENTIFICAÇÃO:

1. NOME: _____
2. ESTADO CIVIL: () SOLTEIRA/O () CASADO/A-UNIÃO ESTÁVEL () OUTRO: _____
3. IDADE: _____
4. TEM FILHOS? () SIM () NÃO
5. (SE RESPONDEU SIM A QUESTÃO ANTERIOR) QUANTOS _____ IDADE DOS/AS FILHOS? _____
6. FORMAÇÃO: _____

II – SOBRE O TRABALHO EXERCIDO:

1. HÁ QUANTOS ANOS TRABALHA COMO GARI?
2. SOBRE O CONTRATO DE TRABALHO:
- É EFETIVO?
- É CONCURSADO?
3. HÁ QUANTO TEMPO ATUA NESTA PROFISSÃO? _____

III – SOBRE A INVISIBILIDADE SOCIAL:

1. VOCÊ GOSTA DO TRABALHO QUE DESENVOLVE?
2. COMO SE DEU A SUA ENTRADA NESTA PROFISSÃO?
3. COMO VOCÊ ACHA QUE A SOCIEDADE E AS PESSOAS VÊ/EM O TRABALHO DO GARI?
4. VOCÊ JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE PRECONCEITO OU DISCRIMINAÇÃO EM SEU TRABALHO? COMENTE ESTE FATO!
5. VOCÊ SE SENTE VALORIZADO AO DESEMPENHAR ESTA PROFISSÃO?
6. LEMBRA DE ALGUM ACONTECIMENTO EM QUE VOCÊ, SEU/SUA FILHO/A OU ESPOSA FOI/FORAM TRATADO(S) COM INDIFERENÇA OU DISCRIMINAÇÃO?
7. QUAIS AS DIFICULDADES QUE VOCÊ ENCONTRA PARA EXERCER ESSA PROFISSÃO?
8. COMO VOCÊ SE SENTE, EM TERMOS DE SAÚDE, APÓS ESSES ANOS DE EXERCÍCIO DESTA PROFISSÃO?
9. QUE PROFISSÃO VOCÊ DESEJARIA PARA SEU FILHO/A?
10. SE VOCÊ PUDESSE, O QUE MUDARIA NESTA PROFISSÃO?

OBS: DESEJA ACRESCENTAR ALGO OU ALGUM PONTO A ESTA ENTREVISTA?

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esta pesquisa trata da Invisibilidade Social dos Agentes de Limpeza na Contemporaneidade e está sendo desenvolvida por **Ednilson de Pontes Silva**, aluno do Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, sob a orientação da Prof.^a. Dr.^a. Verônica Pessoa da Silva.

Tem por objetivo geral refletir sobre as condições de trabalho destes agentes, frente à relação com a sociedade, com indicativos acerca da invisibilidade desses sujeitos, com um intuito de reconhecer a importância social e laboral destes profissionais para a sociedade.

A sua participação na pesquisa é voluntária e, portanto, você não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador. Caso decida não participar do estudo ou resolver, a qualquer momento, desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (quando for o caso).

Solicito sua permissão para que responder a entrevista, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de História e da Educação. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

O pesquisador estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa ou Responsável Legal

Assinatura do Pesquisador Responsável

Ednilson de Pontes Silva
Endereço: Rua Capitão José Vicente, 313, Centro - Píripituba - PB
Fone para contato: (83) 98659-3659

ANEXOS A – TERMO DE POSSE



ESTADO DA PARAÍBA
PREFEITURA MUNICIPAL DE PIRIPITUBA

TERMO DE POSSE

Aos três dias do mês de janeiro de 2011, compareceu nesta Secretaria de Administração e Finanças, da Prefeitura Municipal de Píripituba, Estado da Paraíba, o Senhor (a) **EDNILSON DE PONTES SILVA**, para tomar posse no cargo de **Gari – Zona Urbana/Rural**, de provimento efetivo, com lotação fixada na Secretaria de Desenvolvimento Econômico, de acordo com a Portaria de Nomeação nº 004/2011.

Píripituba, 03 de janeiro de 2011.

LUCIENE PONTES FREITAS
SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS

ACEITAÇÃO DO CARGO

Eu, **EDNILSON DE PONTES SILVA**, ora investido no cargo de **Gari – Zona Urbana/Rural**, de provimento efetivo, com lotação fixada na Secretaria de Desenvolvimento Econômico, deste Município, aceito tomar posse no cargo inicial e assino este ato, para servir de **TÍTULO** da presente investidura.

Píripituba, 03 de janeiro de 2011.

EDNILSON DE PONTES SILVA

ANEXOS B – PORTARIA Nº 004/2011**ESTADO DA PARAÍBA
PREFEITURA MUNICIPAL DE PIRPIRITUBA****PORTARIA Nº 004/2011.**

O PREFEITO DO MUNICÍPIO DE PIRPIRITUBA-ESTADO DA PARAÍBA, no uso de suas atribuições legais que lhe são conferidas pela Lei Orgânica do Município, combinando com a Lei Municipal nº 010/2009, e tendo em vista a aprovação no concurso público, homologado pelo Decreto nº 001/2010, publicado no Diário Oficial do Estado em 06/01/2010.

RESOLVE:

Art. 1º - Nomear o Srº. **EDNILSON DE PONTES SILVA**, para ocupar em caráter efetivo, o cargo de **Gari - Zona Urbana / Rural**, com lotação na Secretaria de Desenvolvimento Econômico.

Art. 2º - Esta portaria entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Pirpirituba – PB, 03 de Janeiro de 2011.


**RINALDO DE LUCENA GUEDES
PREFEITO**

ANEXOS C – PREFEITURA MUNICIPAL DE PIRPIRITUBA

PREFEITURA MUNICIPAL DE PIRPIRITUBA

08.789.299/0001-17

RUA PROFESSOR FELIX CANTALICE 133 CENTRO PIRPIRITUBA PB 58213-000

Fone: (83) 3277-1108 Fax: (83) 3277-1108

Servidores por Cargo

10 GARI

Matrícula	Nome
3001725	ALEXANDRO DA SILVA ARAUJO
1003824	ANTONIO ADELINO DE SOUSA
1002143	ANTONIO ALBINO
1002615	ANTONIO COELHO DA SILVA
3002102	DENILSON MINERVINO
3001839	EDNILSON DE PONTES SILVA
1002046	GILVAN VIANA FARIAS
1003786	ISABEL CRISTINA LIMA DOS SANTOS
1002160	JAILSON DOMINGOS DOS SANTOS
3002094	JEDILSON DE OLIVEIRA COSTA
3001731	JOAO BATISTA AGOSTINHO DA SILVA
3002076	JOAO PAULO DA SILVA CASTRO
3001727	JONATHAS FLORIANO DOS SANTOS
1002020	JOSE ADILSON BARBOSA DE SOUSA
3001730	JOSE ALDO GONCALVES DA SILVA
1002038	JOSE EDEILSON BEZERRA LAURENTINO
1002151	JOSE PEREIRA DA SILVA
1003808	JOSE RAMALHO JACO
1003816	JOSE RONALDO JACINTO GONCALVES
1003760	LUSIA MEDEIROS DA SILVA
3001726	MARCELO GOMES GONCALO
1003751	MARIA DA LUZ BATISTA DOS SANTOS
1003794	MARIA DA PENHA DE BRITO GONCALVES
1003743	MARIA DE FATIMA FELIPE CARVALHO
1002135	MARIA DE FATIMA FERREIRA DA COSTA
1003735	MARIA DO CARMO FELIPE SANTIAGO
1003719	MARIA VALDA DA SILVA
1002062	MARINALDO SOARES DE LIMA
3001728	MAURICIO DA SILVA MOURA
1003727	MIGUEL MARTINS DA SILVA
3001729	SAMUEL DA SILVA NASCIMENTO
1002178	SEVERINO CIRILO GONCALVES